

VITA BREVIS: A CRIANÇA E A MORTE NO SERIDÓ COLONIAL

Bruno Rafael dos Santos Fernandes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
brunfal@bol.com.br

A *vitabrevis* da criança no Seridó

Assim como todos os costumes fúnebres presentes na sociedade colonial da América portuguesa, no Seridó é visível que as preocupações em torno da morte e de seus “preparativos” também faziam parte da vida do sertanejo. A temeridade de uma morte repentina era algo do cotidiano do seridoense, e isso fez com que os aprestos para a morte fossem realizados de forma solene e bastante séria, afinal, já que inevitável, todos ansiavam o bem-morrer, ou seja, ter tempo para tomar todas as providências para a salvação da alma cristã.

“aqueles que não estivessem totalmente envolvidos com as práticas cristãs correriam o risco da condenação definitiva, já que a ideia do Juízo Final era amplamente difundida no meio católico e aceita por todos os fieis sem restrições, e nele o julgamento final seria implacável com os pecadores e Cristo apenas salvará os que fizeram a tal deferência.” (COELHO, 2000, p. 71).¹

Os ritos iam dos primeiros cuidados com a execução dos sacramentos, a escolha da mortalha, o velório, o cortejo fúnebre, missas e, por último, o enterro. Com as crianças não era diferente, e os cuidados dispensados para com os pequenos anjinhos eram minuciosamente executados.

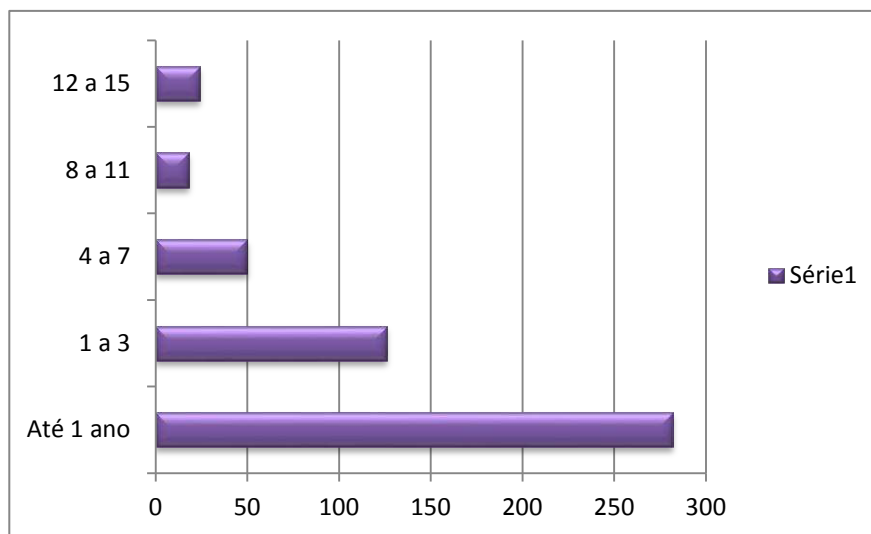
Essa pesquisa desenvolve-se a partir da análise dos atestados de óbitos da Freguesia da Gloriosa Santa’Ana do Seridó, correspondente ao período que compreende os anos de 1788 à 1811. Um ponto que logo chama nossa atenção se trata dos números da mortalidade infantil nesse período. Para conseguirmos resultados mais precisos e satisfatórios, dividimos por faixa etária o número de mortos do período, indo desde o nascimento da criança, até os quinze anos de idade, deixando assim de ser, como era denominado na época, “párvulo”, ou seja, uma criança. Interessante é fazermos uma ressalva para não confundir o leitor. Na segunda parte do artigo, baseado na ideia de Maria Beatriz Nizza da Silva, expliquei que, ao atingir sete anos de idade, a criança

¹ Citação feita por MEDEIROS, Katianne Silva de, 2002, p. 21.

passava a lidar com afazeres comuns aos adultos, entretanto, mesmo tendo ela que estudar ou trabalhar como um adulto, será ainda reconhecida como criança até completar seus quinze anos de idade (DEL PRIORE, 1999, p. 113).

Constatamos que, entre os anos de 1788 a 1811, quinhentas crianças vieram a óbito na Ribeira do Seridó. Confira o gráfico com o número de mortos de acordo com a faixa etária:

GRÁFICO 1
Taxa de mortalidade infantil entre 1788 e 1811



Fonte: Livro de óbito da Igreja de Sant’Ana (1788-1811)

É perceptível, de acordo com o gráfico, o grande número de crianças que morreram até atingir o primeiro ano de idade. Colocando em termos de porcentagem, mais da metade (56%) das crianças morreram ainda nos primeiros meses de vida.

Nota-se que a criança, no Seridó colonial, não era receptora de todos os cuidados necessários em vida, não somente pelo fato de que o centro da atenção dos adultos dirigia-se, certamente, aos assuntos mais pertinentes à família – economia, controle da casa ou fazenda, etc.– mas também pela dificuldade de acesso que as populações interioranas tinham aos atendimentos médicos, estando, geralmente, sob os tratamentos dispensados pelos que exerciam as artes de curar.²

De que morriam essas crianças?

² Para saber mais sobre as “artes de curar”, ler: ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. Medicina Mestiça – saberes e práticas curativas nas minas setecentistas. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

No Seridó colonial, as crianças vinham a óbito devido a diversas causas, desde mortes tidas como naturais, causadas por enfermidades, até mortes por acidentes, causadas, por exemplo, por uma queda. Não se tem uma *causa mortis* predominante como a que ocorreu posteriormente à década de 1850, quando um surto de cólera vitimou grande parte da população seridoense, contudo, notamos alguns males em comum nos atestados de óbito das crianças. A princípio observamos que os pequenos geralmente morriam vítimas de doenças tais como a tísica, o sarampo, a sarna, dentre outras. A sarna era um mal causado principalmente pelo clima da região, que proporcionava a proliferação de bactérias, ainda mais pelo fato de que, certamente, as mães seridoenses se utilizavam da já referida estopada: “envolto em pesados panos e com a cabeça abafada pela estopada, [o bebê] era sério candidato a doenças de pele como a sarna.”(DEL PRIORE, 1999, p. 85). A doença que mais vitimou as crianças da região em enfoque foi a maligna – expressão geralmente utilizada para designar o tifo –, no mais, males diagnosticados como feridas na garganta, câmaras de sangue e hidropisia eram responsáveis por ceifar a vida dos pequenos.

Outros dados interessantes da pesquisa apontam para as mortes de causas acidentais: afogamentos em poços d’água e picadas de cobra. Morria-se também por envenenamento, por exemplo, as crianças Eusébio e Jerônima, de dois anos e dez meses, respectivamente, que faleceram em 11 de maio de 1802, depois de ingerirem a bebida de manipueira, caldo resultante da prensagem da mandioca.³

No período colonial, quem ficava responsável para dar o diagnóstico da *causa mortis* dos falecidos era o pároco, ou outra pessoa que estivesse incumbido de registrar o acontecido. Dado o recuado período que é objeto de nossa pesquisa, enfrentamos um grande problema durante a coleta de dados: a falta de registros de *causa mortis* de boa parte das crianças. No entanto, os números expostos a seguir nos dão uma ideia de como se encerrava a vida dos párvulos.

TABELA 1
Causa Mortis das crianças do Seridó entre 1788 – 1811

³ Fonte: Livro de óbito da Igreja de Sant’Ana (1788-1811): caso registrado na ficha de número 592.

	Maligna	Feridas	Sarnas	Sarampo	De repente	Picada de cobra	Outras causas
Até 1 ano	26	5	2	4	1	-	7
1 - 3 anos	13	7	1	-	2	1	6
4 -7 anos	3	8	-	-	-	2	3
8 - 11 anos	1	-	-	-	1	3	-
12 - 15 anos	2	-	-	-	1	4	2

Fonte: Livro de óbito da Igreja de Sant'Ana (1788 – 1811)

A terminologia “de repente” é utilizada para designar uma morte que acontecia sem que ninguém esperasse, repentinamente. Outra causa mortis também referida nos obituários é a disenteria, provavelmente causada pelo descuido com a alimentação das crianças. Alguns registros de *causa mortis* trazem o dizer “moléstia interior”, “essa expressão abrangente decerto era usada quando não se podia associar os sintomas do moribundo a uma enfermidade conhecida” (REIS, 1991, p. 36).

Preocupados com a boa-morte dos filhos, os pais buscavam inapelavelmente a ajuda dos padres para que estes ministrassem os sacramentos aos pequenos.

“Nas grandes cidades e vilas é natural que os inocentes, como então se dizia, fossem levados à pia baptismal pouco tempo após o nascimento, mas nos arraiais e habitações isoladas do sertão, longe das freguesias, essa cerimônia dependia da passagem de um padre pela região, ou então exigia uma longa e perigosa viagem. (SILVA, 1993, p. 14)

Seguindo o pensamento de SILVA, vemos que havia certa dificuldade de locomoção do sertanejo, e se este se dispusesse a viajar, o percurso seria permeado de dificuldades e perigos. No Seridó colonial, o difícil acesso aos locais onde se fixavam os padres se reflete nos atestados de óbitos. É certo de que praticamente todas as crianças que morreram no final do século XVII e início do XVIII foram batizadas. Porém, alguns registros explicitam que algumas crianças faleceram sem ter recebido o sacramento por “não dar tempo”. Isso significa que, em alguns casos, a morte repentina fazia com que não houvesse tempo para convocar o padre para ministrar os

sacramentos, como no caso de José Ribeiro da Silva, de dez anos, falecido em 19 de setembro de 1790, morador da Fazenda da Conceição da Freguesia do Seridó.⁴

Lugar de paz e devoção, protegido e abençoado pelas forças celestes, o âmbito sagrado da igreja era o espaço onde os corpos jaziam, no período colonial.

“As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos [...] A igreja era uma das portas de entrada do Paraíso. Ser enterrado na igreja era também uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos, inclusive para que estes, em suas orações, não esquecessem os que haviam partido.” (REIS, 1991, p. 171)

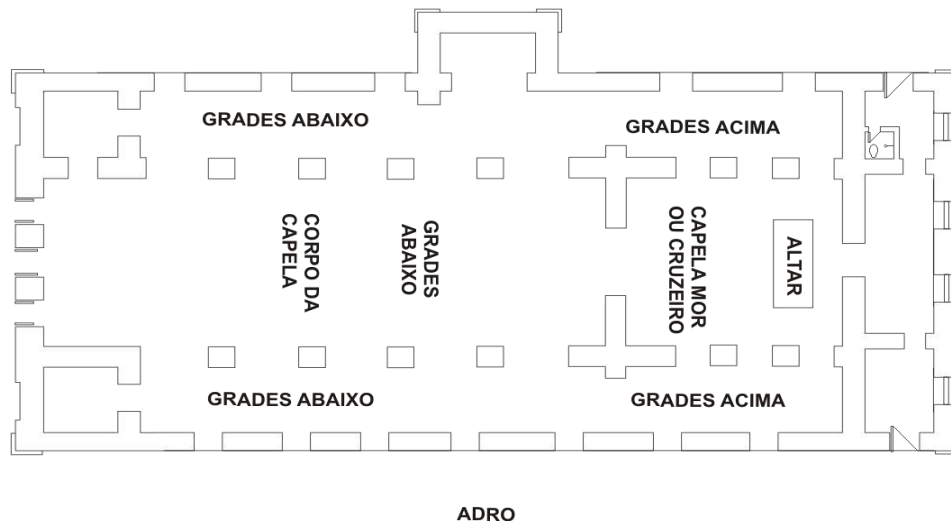
No Seridó, a Igreja de Sant’Ana era o principal local de sepultamento dos corpos, visto que era a matriz da freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana, que abrangia boa parte do território que hoje é denominado região Seridó. Além da matriz da freguesia de Sant’Ana, existia ainda as capelas das vilas que faziam parte da freguesia, por exemplo, encontramos nos obituários referências a enterros realizados na Capela do Acari, Capela de Nossa Senhora do Ó da Serra Negra e da Capela de Nossa Senhora do Rosário.

Havia certa hierarquia com relação às sepulturas, de forma que “sob o chão das igrejas os mortos se dividiam de maneira que refletia a organização social dos vivos” (REIS, 1991, p. 176). Sendo de família prestigiada e de bom poder aquisitivo, podia-se encomendar uma sepultura próxima ao altar – das grades para dentro, por exemplo – e assim, ter o privilégio de descansar próximo às imagens dos santos, além de assegurar a entrada da alma no céu. Para os mais pobres, os locais menos privilegiados das igrejas eram reservados, como, por exemplo, o adro. Essa hierarquia também se fazia presente nos espaços sagrados das igrejas do Seridó, como veremos a seguir (FIGURA 1) no mapa que abrange a divisão interna, de acordo com os locais de sepultamento, da Igreja de Sant’Ana.

FIGURA 1

Planta baixa com os locais de sepultamento dentro da Igreja de Sant’Ana

⁴ Fonte: Livro de óbito da Igreja de Sant’Ana (1788-1811): caso registrado na ficha de número 087



Fonte: (MACÊDO, 2007, p. 232)

Nos obituários do período em questão, é perceptível que considerável parcela dos enterros das crianças era realizada no corpo da igreja. Mas, não podendo ser diferente, os corpos dos pequenos também ocupavam os outros espaços do âmbito sagrado, como podemos observar de acordo com os dados expostos a seguir:

TABELA 2
Número de crianças enterradas na disposição espacial da Igreja de Sant'Ana

CORPO DA IGREJA.....	238
CRUZEIRO.....	45
DAS GRADES PARA BAIXO.....	35
DAS GRADES PARA CIMA.....	23
ADRO.....	6

Fonte: Livro de óbito da Igreja de Sant'Ana (1788 – 1811)

Seguindo a lógica desses dados, notamos que as crianças gozavam de certo privilégio no que diz respeito aos locais de sepultamento, visto que o adro – local geralmente reservado para o sepultamento de pessoas sem condições financeiras relevantes e sem prestígio – só conta com seis enterros. Porém, a alta concentração de crianças enterradas no corpo da igreja nos induz a crer que o acesso às áreas próximas ao altar era mais restrito, até mesmo em se tratando de crianças. Para chegar a essa

conclusão, basta atentar para o número, relativamente baixo, de crianças enterradas nos espaços mais privilegiados – nas grades e no cruzeiro.

Carregada de simbologia e tida como objeto imprescindível para a caracterização da “boa morte”, a escolha das vestes fúnebres infantis constituía outra questão de grande importância no Seridó colonial. Antes de tudo, o pequeno defunto era um anjo, portanto, deveria ser enterrado minimamente aparentado com esta entidade celeste. Mas, não somente como um anjo a criança era sepultada, as vestimentas dos santos também eram bastante utilizadas nos funerais das crianças do Seridó. Isso se explica pelo fato de que a “utilização de roupas de santos nas vestimentas fúnebres das crianças se dava pela crença de que o falecido, vestido desse modo, seria favorecido pela intervenção do santo de cujo hábito escolhera por mortalha.” (VAILATI, 2002, p. 372).

No Seridó o tipo de mortalha mais utilizada é a de cor branca, correspondendo a 35% dos hábitos. Também se fez muito difundido o uso de hábitos coloridos, visto que 20% das crianças enterradas a utilizaram: “as cores funcionavam como elementos facilitadores na entrada do defunto no outro mundo, sobretudo na cor branca, que simboliza para o católico a esperança na vida eterna, através da ressurreição e identifica-se também como o Santo Sudário.”⁵ As vestes pretas também são bastante mencionadas e respondem por 14% dos hábitos escolhidos. No Seridó, 2% das crianças foram enterradas envoltas em hábitos clericais. Encontramos também grande número de mortalhas de diferentes tecidos como, por exemplo: chamalote, seda, tafetá, dentre outros. Essa diversificada gama de mortalhas correspondem a 29% da utilização pelos defuntos.

Pelo que pesquisamos podemos afirmar que, mais do que simbolizar a passagem do mundo terreno para o mundo do além, as práticas fúnebres e suas peculiaridades serviam também como forma de expressão da realidade social: a pompa, os cuidados, etc., variavam de acordo com a importância que o morto exercia na sociedade colonial. Não escapavam nem mesmo os pequenos.

⁵ Citação feita por MEDEIROS, Katianne Silva de, 2002, p. 21.

REFERÊNCIAS

- DEL PRIORE, Mary (org.). História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia – 2 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (séc. XVIII). Natal, RN, 2007. 286 f.
- MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). História social da infância no Brasil. São Paulo: Cortez editora, 1997.
- MEDEIROS, Katianne Silva de. Faces da Morte: imagens e rituais funerários no Seridó. Caicó, 2002. Monografia (graduação em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- PAGOTO, Amanda Aparecida. Do âmbito sagrado da Igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850 – 1860). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SILVA, Maria Beatriz Nizzada. Vida privada e cotidiano no Brasil. Na época de D. Maria I e D. João VI. 1ª ed. – Lisboa: Editora Estampa, 1993.
- VAILATI, Luiz Lima. Os Funerais de Anjinho na Literatura de Viagem. In: Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 22, nº 44, 2002.